

Do Suplício na Sociedade Soberana à Sociedade Disciplinar e o *Bullying* na Escola: Relações entre os Diferentes Palcos de Violência¹

Fernanda Ribeiro de SOUZA²

Gabriela Amorin FERRUZZI³

João José ALENCAR⁴

Claudia Maria de LIMA⁵

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, SP

Resumo

Com base na abordagem de Michel Foucault sobre o suplício presente na sociedade soberana, e da sociedade disciplinar, este trabalho apresenta uma discussão das características presentes na prática penosa da Idade Média e a suavização na passagem para a vigilância como controle, além da discussão sobre ataques de *bullying* na escola contemporânea. Tendo como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, investiga elementos presentes nos diferentes ambientes e discute dois importantes elementos: atuação da violência e a figura do espectador. Dessa forma, visa analisar a representação dos espectadores na multiplicação de ataques manifestos de forma física e/ou psicológica e as particularidades dos ataques de crueldade nos distintos momentos históricos.

Palavras-chave: Sociedade soberana; Sociedade disciplinar; Suplício; *Bullying*; Violência.

Introdução

A violência está presente em diferentes instâncias da sociedade, no entanto, nem sempre é perceptível, e conforme assegura Abramovay (2002) sua análise deve considerar normas, condições e contextos sociais de cada momento histórico. Para a autora, a violência pode ser apresentada em diferentes configurações, que afetam a vida humana em aspectos emocionais, psicológicos, físicos, entre outros.

Abramovay (2002) destaca três tipos de violência, a violência direta, indireta ou simbólica, sendo que cada uma respectivamente refere-se a ações físicas, implicações emocionais e a limitação do pensamento e consciência. Equivalente a isso, porém com

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESP, email: ferrisouza@hotmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESP, email: gabii.ferruzzi@hotmail.com

⁴ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESP, email: jjaspc@gmail.com

⁵ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESP, email: claudiamarialima@uol.com.br

outras denominações, Charlot (2002) distingue três tipos de violência: na escola, à escola e da escola. De acordo com o autor, a violência na escola é aquela que acontece dentro do espaço educativo, mas não tem uma relação com o motivo ou gênese dos ataques. Já a violência à escola é o tipo em que ocorre uma reação agressiva contra a própria escola. No terceiro tipo, a violência da escola é retratada de maneira simbólica por meio da própria estrutura escolar que pode favorecer a classificação dos alunos, exclusão social e comportamentos injustos ou racistas.

Charlot (2002) enfatiza que a violência tem se multiplicado dentro das unidades de ensino e que está gerando preocupação dos indivíduos sobre a crescente insegurança deste local. Entre os pontos apresentados, Charlot (2002) enfatiza que as agressões ocorridas em salas de aula, são normalmente resultantes de acertos de disputas passadas ou advindas de outros ambientes. Esses momentos conturbados aumentam e vêm tornando-se fenômeno estrutural.

Um exemplo de violência que tem tomado maiores proporções dentro da escola se refere ao *bullying* “comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada.” (COSTANTINI, 2004, p.69).

Costantini (2004) explicita que não é considerado *bullying* qualquer comportamento de confusão entre os estudantes, mas se trata de “verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças [...] sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis [...]” (COSTANTINI, 2004, p.69).

Partindo de um recorte histórico para análise das diferentes agressões, são indicados vários indícios de ataques e tipos de violência variados, ou seja, atitudes de crueldade que marcaram profundamente a vida humana. Foucault (1987) foi um importante filósofo, que discutiu alguns fenômenos de violência. Para Oksala (2011), Michel Foucault tinha diferentes papéis, o que demonstrava grande talento, entre filósofo, historiador, teórico social, crítico cultural, ativista político e professor renomado, que trouxeram formas de pensar inovadoras para a atualidade e “continua a inspirar estudiosos, artistas e ativistas políticos a encontrar modos sem precedentes de construir novas formas de pensar [...]” (OKSALA, 2011, p.7)

Oksala (2011) acrescenta que Foucault apresentou uma nova forma de pensar a filosofia sendo que

Essa maneira de compreender a filosofia abre um espaço de liberdade: expõe modos novos possíveis de pensar, perceber e viver. Mostrando como as coisas que consideramos óbvias e necessárias emergiram de fato de uma rede de práticas humanas contingentes, a filosofia viabiliza não só experimentos mentais e especulações ociosas, mas mudança concreta [...] (OKSALA, 2011, p. 16).

Foucault (1987), em seu livro *Vigiar e Punir* descreve com detalhes uma prática de crueldade, muito comum na Idade Média, conhecida como suplício. Nesses atos, a exposição dos supliciados era de fundamental necessidade, pois dessa forma as pessoas seriam garantia de uma pena bem aplicada de forma angustiante e dolorosa.

Embora, o suplício tenha sido uma prática abolida para o surgimento da sociedade disciplinar, por meio do controle sobre o corpo, estudos recentes demonstram que a violência não desaparece e se faz presente na contemporaneidade, com novas formas, maneiras discretas de se humilhar, maltratar e causar sofrimento físico ou psicológico (DEBARBIEUX, 2001; SPOSITO, 2001). A violência demonstrada nos diferentes momentos confirma a presença de espectadores que favorecem mesmo que indiretamente, a prevalência de ataques. Em vista disso, decorre a relevância desse estudo bibliográfico.

Da sociedade soberana à sociedade disciplinar: algumas considerações

A sociedade de soberania caracterizada pela decisão do soberano e seu total controle da morte e de punição dos criminosos era de consentimento da sociedade. Até o século XVIII, a grave punição ao ser humano, por meio do sofrimento conhecido como suplício era uma prática comum nas sociedades ocidentais. O suplício era uma prática entendida como técnica de pena dolorosa e corporal ao ser humano que envolvia penas físicas bem variadas, seguindo certos critérios em que a morte era resultado de uma série de sofrimento, como enforcamentos e mutilação de corpos. Em casos graves eram arrebentados, outros queimados, estrangulados, puxados vivos por quatro cavalos, cabeça cortada, entre muitas atrocidades. O corpo do ser humano era usado e exposto para o público, demonstrando o poder soberano. Foucault (1987) destaca que

Nas cerimônias do suplício, o personagem principal é o povo, cuja presença real e imediata é requerida para sua realização. Um suplício que tivesse sido conhecido, mas cujo desenrolar houvesse sido secreto, não teria sentido. Procurava-se dar o exemplo não só suscitando a consciência de que a menor infração corria sério risco de punição; mas provando um

efeito de terror pelo espetáculo do poder tripudiando sobre o culpado (FOUCAULT, 1987, p. 49).

Foucault (1979) esclarece que o poder envolve um custo para ser exercido, não apenas econômico, mas também político como revoltas, desobediência e resistência, como características do poder do monarca. Completa revelando que a violência no poder permitia sua continuidade, sendo que “a justiça só prendia uma proporção irrisória de criminosos; ela se utilizava do fato para dizer: é preciso que a punição seja espetacular para que os outros tenham medo” (FOUCAULT, 1979, p. 217).

O novo modelo disciplinar, com controle e poder exercido sobre o corpo, permitiu uma redução de despesas econômicas advindas dos gastos com os aparatos para os espetáculos de punição. Segundo Foucault (1979), a vigilância representa pouca despesa, já que não necessita de armas, materiais ou até mesmo violência física “apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo” (FOUCAULT, 1979, p. 218).

Sousa e Meneses (2010) salientam que formas punitivas e severas deram lugar a práticas mais suaves, em que a punição ao corpo foi substituída por outros mecanismos de controle e disciplina, deste modo, explicitam as principais diferenças do período de soberania para o poder disciplinar afirmando que este é exercido por meio do controle do espaço e do tempo.

Nessa condição disciplinar, o corpo, submetido às técnicas de vigilância e controle, foi gradativamente tornando-se um corpo dócil e útil. Desse modo, a função da disciplina difere da função do suplício, uma vez que este tortura e destrói o corpo, enquanto que a disciplina apropria-se do corpo, com a finalidade de tirar dele o máximo possível (SOUSA e MENESES, 2010, p. 29).

E como uma das formas de controle tem-se a escola, que em sua organização hierárquica estabelece uma rotina de atividades determinantes na ação do sujeito, com horários definidos e a organização do espaço de forma a privilegiar o professor na relação de poder sobre o aluno.

A escola se afirma como um exemplo de modelo de disciplina e obediência por meio da relação professor-aluno, em que o docente se posiciona de frente para os alunos permitindo vigiar e ter controle sobre as ações realizadas nesse ambiente, permitindo identificar e punir com advertências atos que desobedeçam a regras previamente estabelecidas.

Pensando a escola como uma estrutura que ensina a obedecer e dessa forma estabelece controle, temos o pensamento de Foucault (2005 apud SOUZA e MENESES, 2010, p.24), no qual relata que:

[...] a punição e a vigilância são mecanismos de poder utilizados para docilizar e adestrar as pessoas para que essas se adéquem às normas estabelecidas nas instituições. A vigilância é uma tecnologia de poder que incide sobre os corpos dos indivíduos, controlando seus gestos, suas atividades, sua aprendizagem, sua vida cotidiana.

Assim, o ambiente escolar permite uma normatização dos indivíduos que a frequentam em que com uma constante vigilância os alunos aprendem a obedecer e seguir padrões previamente estabelecidos. De maneira que “[...] sua primeira finalidade - na qual seu êxito é inquestionável - é fixar os indivíduos em um aparelho de normalização dos homens, ligando-os a um processo de produção” (MOURA, 2010, p.70).

BULLYING NA ESCOLA

A escola, além de ser um espaço demarcado como modelo de disciplina, também é um espaço de convivência social, sendo a partir do convívio entre diferentes indivíduos um dos constituintes da moral do alunato.

Algumas autoras do cenário brasileiro, como Menin (2002) e Tognetta (2003), acreditam que a escola deve ser responsável pela educação moral de seus alunos. Elas apontam que este tipo de educação precisa atingir todos os espaços e participantes escolares por meio de diálogos que esclareçam valores e princípios necessários para um bom convívio social (MENIN e ZECHI, 2010).

O convívio escolar favorece tanto a reflexão sobre a violência, como pode ser um espaço em que a sua prática se estabelece como forma de opressão de um indivíduo sobre outro. Dessa forma, mesmo os moldes de controle da sociedade disciplinar se diferenciando da sociedade da soberania, algumas práticas coincidem como a relação de poder em que o uso da violência verbal e física permite ao opressor se sentir em postura dominante a quem castiga e ofende. Tais formas de opressão instauram o *bullying* como uma das principais formas de violência no ambiente escolar.

O *bullying* é um fenômeno antigo e mundial, está presente em diferentes instituições de ensino. Atualmente está ganhando maiores proporções, o que faz com que seja uma das maiores preocupações sociais (FANTE e PRUDENTE, 2015).

Considerado como “uma das formas de agressividade mais difundida entre adolescentes nas escolas” (COSTANTINI, 2004, p. 67), o *bullying* é um sério problema, que ocorre principalmente entre estudantes e que pode causar graves consequências para os envolvidos. O termo *bullying* é originado do inglês: “*bully*”, o que indica “tirano ou valentão” (OLWEUS, 1993; FANTE, 2005; SILVA, 2010). Dan Olweus, considerado como pesquisador pioneiro nesse estudo, fez um levantamento de informações direcionadas a estudantes, pais e professores e por meio dos resultados levantou indicadores de que vítimas de *bullying* podem ter como consequências sérios problemas, tais como a depressão. Sobre as ações dessa violência, podem ser diversas, dentre as quais: insultos, xingamentos, ofensa, gozações, piadas ofensivas, apelidos pejorativos, chantagens, humilhação, desprezo, perseguição, etc. De forma direta, pode envolver chutes, agressões físicas, espancamentos, empurrões, roubos, beliscões, furtos, destruição de pertences, etc. (SILVA, 2010)

De acordo com Fante (2005) os principais envolvidos no *bullying* são os agressores ou *bullies*, aqueles que vitimizam os mais fracos, e as vítimas que podem ser: típicas, provocadoras ou agressoras, além dos espectadores ou testemunhas. Os agressores, em geral apresentam força física superior à vítima, mau-caráter e impulsividade. Vítimas típicas apresentam aspecto físico vulnerável, vítimas agressoras reproduzem os ataques sofridos e vítimas provocadoras, que desafiam e estimulam reações agressivas. Os espectadores ou testemunhas presenciam os ataques, no entanto, não atuam em defesa da vítima, por insegurança.

Esse estado de contemplação se deve por uma individualização do ser humano na sociedade pós-moderna, composta por uma massa que “é consumista, classe média, flexível nas idéias e nos costumes. Vive no conformismo em nações sem ideais e acha-se seduzida e atomizada (fragmentada) pelos mass media, querendo o espetáculo com bens e serviços no lugar do poder” (SANTOS, 1987, p.91).

O individualismo, uma das principais características da pós-modernidade, preconiza um sujeito egoísta que prioriza a sua imagem perante os outros do que o seu próprio eu, constituindo-se como um produto do espetáculo, onde se transforma em um simulacro de si mesmo. De maneira, que entendemos neste trabalho o conceito de espetáculo apresentado por Debord (1997, p.14), no qual este “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens”.

Debord (1997) conceitua o cenário social marcado pelo consumo de imagens e a interpretação da realidade em partes e não em seu todo, como a sociedade do espetáculo, que se encontra no aparentar ter, onde as pessoas vivem em uma realidade projetada, movidas pelo determinante de ser aquilo que se espera e que é conduzida a elas. O intuito desta sociedade é destacar os eventos banais, pois ela “organiza com maestria a ignorância do que acontece e, logo de seguida, o esquecimento daquilo que pode apesar de tudo tornar-se conhecido” (DEBORD, 1997, p. 17).

Neste sentido, o homem acaba por ser separando de uma unidade e ocorre que essa separação cria um isolamento, em que pelo fato do espetáculo está em toda a parte, tem-se a sensação de nunca está em casa, perde-se a individualidade e passa a viver em um estado de contemplação, no qual as atitudes do indivíduo deixam de ser suas e se configuram em representações do outro.

Fante e Prudente (2015) denominam tais indivíduos de testemunhas/espectadores, pois são sujeitos que presenciam a ação e que de certa forma ficam constrangidos, entretanto não se posicionam diante dos fatos. O autor expõe que a maioria dos que presenciam o *bullying* sentem-se culpados, porém não reagem por receio de se tornarem as próximas vítimas. Em alguns casos, os que assistem as cenas de violência, desejam ser integrantes do grupo de agressores, por popularidade e poder, assim, futuramente sair da posição de espectadores para praticantes de *bullying*.

A importância da prevenção que vem posteriormente à compreensão do fenômeno *bullying* transcorre do fato de que ele pode trazer consequências negativas irreparáveis e traumáticas, temporárias ou até mesmo permanentes. Silva (2010) exemplifica problemas psíquicos e/ou comportamentais que integram os transtornos causados pela exposição ao *bullying*, prejuízos físicos, cefaleia, dificuldade de concentração, desmaios, insônia, medo, ansiedade, transtorno de pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia, bulimia, transtorno obsessivo compulsivo, transtorno do estresse pós-traumático, esquizofrenia, suicídio e homicídio.

Além dos transtornos causados pela agressão presencial, o *bullying* ainda pode se manifestar de outras formas. Quando se expressa por meio virtual é denominado de *cyberbullying* e também envolve uma relação de ausência de valores, conforme afirmam Tognetta e Bozza (2010).

Assim, tanto o *bullying* como o *cyberbullying*, podem ser definidos como comportamentos que podem ser resumido em algumas características fundamentais:

conjunto de ações repetitivas e negativas contra a vítima, relação de poder desigual entre agressor e vítima e ausência de motivo aparente que justifique os atos de crueldade. (FANTE, 2005)

Relações entre *Bullying*, Suplício e Poder Disciplinar

A violência causada por meio do *bullying* pode envolver agressões físicas ou psicológicas e contar com a observação de espectadores que assistem sem um posicionamento em defesa do agredido. São aqueles que “geralmente convivem com o problema, mas calam-se, com medo de serem futuros alvos” (ROCHA, 2012, p. 78). A autora acrescenta que “o simples testemunho de atos de *bullying* já é suficiente para causar descontentamento com a escola e comprometimento no desenvolvimento acadêmico e social” (ROCHA, 2012, p. 79).

Em se tratando dos supliciados a figura de espectadores é caracterizada como elemento indispensável para o processo de massacre contra os criminosos, conforme assegura Foucault (1987) estes indivíduos passavam por sofrimentos físicos e psicológicos. Durante o ritual percorriam praças públicas, muitas vezes expostos nus eram levados ao sofrimento de seus corpos por meio de diferentes técnicas,

Mas nessa cena de terror o papel do povo é ambíguo. Ele é chamado como espectador: é convocado para assistir às exposições, às confissões públicas ou à beira dos caminhos, os cadáveres dos supliciados não só têm que saber, mas também ver com seus próprios olhos. Porque é necessário que tenham medo, mas também porque devem ser testemunhas e garantias de punição, e porque até certo ponto devem tomar parte dela. Ser testemunhas é um direito que eles têm e reivindicam; um suplício escondido é um suplício de privilegiado, e, muitas vezes suspeita-se que não se realize com toda a sua severidade. Todos protestam quando no último instante se retira a vítima aos olhares dos espectadores (FOUCAULT, 1987, p.49).

Outro período de destaque na Europa surgido após a sociedade soberana, diz respeito às sociedades disciplinares, que tinham como princípio o poder sobre um corpo docilizado e controlado, baseadas na arquitetura do panóptico - como possibilidade de uma visão total, para a construção de instituições como escolas, presídios, hospitais, quartéis, entre outras, detinham a função de disciplinar por meio da vigilância. (FOUCAULT, 1987) Contudo, Oksala (2011) destaca que a análise desse momento disciplinar tem funções importantes, dentre as quais cita que:

[...] O objetivo da história da prisão escrita por Foucault, Vigiar e Punir, por exemplo, não é apenas compreender o desenvolvimento histórico da prisão, mas libertar nosso pensamento da ideia de que essa forma de punição é inevitável, e como isso permitir-nos imaginar alternativas para ela. (OKSALA, 2011, p. 17)

Em se tratando da análise da figura do espectador nos suplícios retratados por Foucault (1987) e nos casos de *bullying*, é perceptível a função do observador enquanto componente que contribui para a manutenção da cena de crueldade, de acordo com as reações estabelecidas no ato presenciado. Na sociedade soberana, com a pena do suplício, a figura do espectador é imprescindível para que o rei manifeste seu poder sobre a vida. No *bullying*, a figura do espectador pode ser decisiva no combate da ação observada mediante “a própria ação na situação em relação aos alvos” (TOGNETTA e ROSÁRIO, 2013, p.11), ou próprio observador pode tornar-se o próximo agressor, ou ainda contribuir para reforçar e estimular os ataques.

Se referindo à atual escola, Veiga-Neto (2011) faz algumas ponderações se referindo ao atual modelo escolar, comparando as principais mudanças ocorridas nessas instituições de ensino ao longo das transformações políticas, dos ideais humanos e das formas de punição. Segundo o autor

A escola que hoje conhecemos, apesar das muitas transformações, ainda mantém um forte vínculo com a lógica disciplinar moderna. Essa escola disciplinar está alinhada à ética de adiamento da satisfação da sociedade de produtores. A escola moderna não foi pensada para ser uma escola de prazer, ou para atender os desejos imediatos das crianças e dos jovens. O funcionamento da maquinaria escolar não era movido pelo desejo, mas pela vontade e pelo esforço (VEIGA-NETO, 2001, p. 49).

Nesta sociedade pós-moderna os indivíduos têm sido educados pela televisão, pela internet e por outros meios de comunicação (FANTIN, 2005), o que faz com que a escola precise cada vez mais se utilizar destes recursos para mediar e discutir as informações transmitidas de modo que seus sujeitos sejam capazes de refletirem sobre a sociedade a qual se encontra.

Considerando as mídias como uma instância de poder sobre os espectadores, que se utilizam dos artifícios do espetáculo, para gerar modelos e provocar o consumo de simulacros pelo seu público, temos a mídia-educação como um contraponto para conscientizar o alunato sobre o discurso midiático.

A mídia-educação permite que o espectador estabeleça uma crítica sobre o espetáculo, mudando de uma postura passiva diante dos ideais construídos pelas mídias, para assumir um papel ativo e crítico na sociedade. Por meio da compreensão dos instrumentos de persuasão presente na sociedade do espetáculo, os espectadores assumem uma postura reflexiva que lhes garante condições de enfrentamento a contemplação para o pleno exercício da sua cidadania (FANTIN, 2006).

A escola ao entender e considerar o papel das mídias na formação dos alunos adquire a condição de instrumentalizar e preparar o seu público na recepção das mensagens midiáticas, permitindo que os estudantes revertam o estado de contemplação e se torne cidadãos atuantes perante a inércia provocada pelo consumo do espetáculo. Pois como aponta Fantin (2006, p.31) “a educação para as mídias é uma condição de educação para a cidadania, um instrumento para a democratização de oportunidades educacionais e de acesso ao saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais”.

Na questão do *bullying*, a escola exerce um papel fundamental quanto à formação do indivíduo para a cidadania, espera-se que por meio da educação o sujeito seja capaz de reagir de modo a deixar de ser apenas vítima/espectador diante da violência contra si e contra as pessoas ao seu redor. Nesse sentido podemos recorrer ao conceito de mídia-educação para discutir a importância de formar cidadãos críticos. Pois segundo Fantin (2006) a mídia-educação pode se configurar tanto como um campo de conhecimento que relaciona a educação com a comunicação, quanto como da prática social.

De acordo com Goidanich (2002), a velocidade das transformações na tecnologia contribuiu para aumentar a fragmentação e assim provocar mudanças nos indivíduos. Neste sentido, de acordo com Rivoltella (apud FANTIN, 2006), faz-se necessário uma educação para a cidadania, no sentido de propiciar:

- 1) a aquisição de conhecimento: conhecer leis, as instituições e seu funcionamento; conhecer o mundo e realidade cultural, social e econômica em que vivemos;
- 2) a aquisição de competência social: saber desenvolver de modo consciente o próprio papel de cidadão; saber cooperar, construir e realizar projetos comuns; assumir responsabilidades e resolver conflitos; saber intervir em um debate público;
- 3) a aquisição de competência ética e relacional: a) saber ser solidário; b) estar aberto à diferença; c) ser capaz de hospitalidade. (FANTIN, 2006, p.39)

Deste modo, “a mídia-educação constitui um espaço de reflexão teórica sobre as práticas culturais e também se configura como um fazer educativo” (FANTIN, 2006).

Propiciando uma possibilidade real de promover uma educação para a cidadania, que permita compreender o *bullying* como forma de violência e desta forma combatê-lo nos espaços escolares e na constituição do caráter dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é um fenômeno antigo e sempre esteve presente nos meios de convivência social. No presente estudo, a violência caracterizada por meio do poder soberano e a consequente suavização dos castigos com o início da disciplina dos corpos formam momentos cruciais do cenário europeu. O poder do soberano e o poder disciplinar comparado aos dias atuais demonstra que momentos de manifestação de uma sociedade podem ser traumáticos e horrendos. Sobretudo, são fatos distintos e relevantes para compreensão de fenômenos contemporâneos.

Nesses diferentes contextos, é possível diagnosticar que a violência permanece atuante, no entanto com outras formas e com certas diferenciações. Contudo, permanece como um elemento a ser analisado nos diferentes segmentos da sociedade, como uma questão a ser prevenida e resolvida por organizações governamentais e pela própria sociedade.

O *bullying* discutido nesse artigo constitui-se um sério problema mundial, que pode oferecer inúmeros transtornos físicos e psicológicos altamente prejudiciais ao rendimento escolar do estudante, sendo assim, constitui-se uma grande preocupação para a escola. Silva (2010) alerta para o fato de que atos de *bullying* favorecem problemas como sintomas psicossomáticos, depressão e até suicídio.

Além disso, o presente estudo, com uso das contribuições de Foucault permitiram “questionar os modos como pensamos, vivemos e nos relacionamos com outras pessoas e com nós mesmos no intuito de mostrar como aquilo-que-é poderia ser diferente” (OKSALA, 2011, p.16)

No decorrer da história, a violência ainda é comum e conta com diferentes indivíduos para se estabelecer. Diante do contexto, constata-se que a necessidade de estabelecer projetos de intervenção contra a prática de *bullying*, principalmente nas escolas, é um procedimento urgente e necessário na sociedade atual. Embora o suplício tenha sido uma prática extinguida, a violência permanece com novas formas, resultando em

consequências traumáticas no aspecto afetivo, emocional, psicológico, físico, moral, entre outros.

A escola, enquanto instituição educacional tem como um dos objetivos preparar os educandos para uma vivência cidadã e pode criar meios de diagnosticar, prevenir e solucionar situações que contribuam negativamente para o progresso dos estudantes. As políticas públicas e ações da própria sociedade também devem contar com medidas preventivas e meios que propiciem a superação de tais males.

A mídia-educação oferece condições para que se promova uma educação para a cidadania, com alunos críticos e criativos no uso das mídias de forma consciente (FANTIN, 2006). De maneira que os alunos possam compreender as intenções do espetáculo em iludilos ao consumo de bens, oferecendo a sensação de felicidade em fragmentos e nunca em seu todo, dando a sensação de um vazio permanente (DEBORD, 1997).

Assim, o *bullying* e as novas formas de contemplação, que estimulam a violência verbal e física, na relação de poder entre opressor e dominado necessitam ser combatidas em um processo de conscientização. De forma que a escola precisa considerar a força do espetáculo promovido pelas mídias e reverter esse quadro com uma educação para e com as mídias, utilizando-as como instrumento para combater o *bullying* dentro e fora da escola.

Do mesmo modo que o poder soberano marcado pelos suplícios foi uma prática eliminada, devido a fatores, entre os quais altas despesas e a multiplicação da violência (FOUCAULT, 1979), o *bullying* e o *cyberbullying* também devem ser práticas progressivamente extintas no ambiente escolar, considerando que sua prevalência é altamente prejudicial, custosa e, especialmente, ambas colaboram para um aumento de práticas violentas na medida em que são incorporados novos agressores, que deixam a função de espectadores ou mesmo de vítimas para propagação de novas manifestações.

Pensar esses fatos históricos para Veiga-Neto (2011) é uma maneira de compreender as constituições e reconstituições sociais, sobretudo nas práticas de se governar e nas relações de poder estabelecidas. Tais relações possibilitam uma nova reflexão frente ao universo escolar, às práticas pedagógicas e às teorias educacionais. Os estudos sobre Foucault oferecem assim, repertório para a realização de pesquisas em educação e a compreensão de diferentes fenômenos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. et al. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão, Revista Sociologias, ano 4, n. 8, p 432- 443, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: 15 out. 2015.

COSTANTINI, A. **Bullying**: como combatê-lo? São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

DEBARBIEUX, E. **A violência na escola francesa**: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p.163-193, jan./jun. 2001.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: Comentários sobre a sociedade do espetáculo; tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FANTE, C.; PRUDENTE, N.M. (orgs) **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Editora Verus, 2005.

FANTIN, Monica. **Mídia-Educação**: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

_____. **Novo olhar sobre a Mídia-Educação**. Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED. 16 a 19 de out. de 2005. Caxambu/ MG.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOIDANICH, M. E. Mídia, cidadania e consumo: estamos formando consumidores ou cidadãos? In: BELLONI, M. L. **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002.

MENIN, M. S. S. **Valores na escola**. Educação e Pesquisa, v. 28, n. 1, p. 91-100, 2002

MENIN, M. S. S. ; ZECHI, J. A. M. **Educação moral em escolas públicas brasileiras**: temas, meios, finalidades e mudanças. In: VI Seminário de Direitos Humanos no século XXI e IV Encontro de Direitos Humanos da UNESP, 2010, Marília. Seminário Direitos Humanos no século XXI (UNESP). Marília - SP: FFC/UNESP, 2010. v. 01. p. 01-10.

MOURA, T. M. COÊLHO, Ildeu Moreira (orientador). **Foucault e a escola**: disciplinar, examinar, fabricar. (dissertação de Mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010.

OKSALA, J. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011;

OLWEUS, D. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. Madrid: Ediciones Morata, 1993.

ROCHA, T. B. **Cyberbullying**: ódio, violência virtual e profissão docente. Brasília: Liber livro, 2012.

SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, A.B.B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUSA, N.C; MENESES, A.B.N.T. **O poder disciplinar**: uma leitura em Vigiar e Punir. Rev. Saberes, Natal, RN, v.1, n.4, p. 18-35, jun. 2010.

SPOSITO, M.P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun.2001.

TOGNETTA, L. R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola**: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

TOGNETTA, L. R.; BOZZA, T. L. **Cyberbullying**: quando a violência é virtual - Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. In: GUIMARAES, Áurea M.; PACHECO E ZAN, Dirce Djanira. Anais do I Seminário Violar: Problematizando juventudes na contemporaneidade. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010.

TOGNETTA, L.R.P.; ROSÁRIO, P. **Bullying**: dimensões psicológicas no desenvolvimento moral. Estudos em avaliação educacional, São Paulo, v.24, n.56, p.106-137, set./dez.2013.

VEIGA-NETO, A. **Governamentalidades, neoliberalismo e educação**. IN: CASTELO BRANCO, G.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). Michel Foucault: filosofia & política. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.